

A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO \$20 — AFRICA \$25 — ESTRANGEIRO \$40

N.º 38 (128) — 2-12-923

Redactor principal:
António Teixeira
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131—PORTO
CORR.: APARTADO 17—PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

No palco da vida

OS FANTOCHES

Crítica ligeira a propósito do recente congresso marxista.
A verdade vitoriosa.

Quando o meu espírito, ávido de saber, perene de ilusão, começou apreendendo com regular facilidade o sentido genérico das ideias anarquistas, eu, ingénuo, imaginava que eram autómatos, fantoches, imbecis, que uma simples voz de comando faz andar, correr e matar, são aqueles soldados que constituem compactos batalhões, juntos e alinhados como bonecos de chumbo, movendo-se como umaserpente ao atravessar a rua sinuosa e íngreme. Porém, com o decorrer do tempo o espectáculo desolador que a vida oferece e o estudo reflectido e incessante, levaram-me a compreender que outros indivíduos existem, verdadeiros manequins articulados, que unicamente procedem consoante o pensamento e a vontade de outrem. Mas esses, imbecilmente desgraçados, jamais raciocinaram, jamais quiseram que as suas cabeças de seres pensantes tivessem outra utilidade, mais racional e dignificantes do que cabides... Porisso a revelação de semelhantes fantoches não me causou surpresa.

Há poucos dias ainda, porém, com a realização dum congresso extranho e original, onde se patenteou com exuberância a decadência fatal dum partido político que não o chegou a ser senão de nome — uma nova qualidade de fantoches se revela, interessante e inédita.

Homens que há bem pouco tempo possuíam a noção clara da sua individualidade, a consciência do seu eu, com um passado de afirmações e actos dum libertarismo evidente, produto do pensamento próprio, transformados agora em autómatos,

devedores de indiscutível obediência ao critério, *inteligente* ou péssimo, dum determinado número de indivíduos que, lá longe, em terras orientais, ditam leis, impõem disciplina, exigem aquiescência.

Se prematuramente, antes de se haverem desenrolado os factos, pela minha mente perpassasse a ideia da realidade presente, custar-me-ia a conceber que se podesse abdicar, com tamanha facilidade e impudência, da própria personalidade, dum passado coerente, do direito sagrado e invulnerável de pensar.

Os marxistas, aqueles neo-marxistas que pautam o seu proceder pelo raciocínio e pelo desejo olímpico dos orientadores moscovitas, que declinaram da sua faculdade de pensar, destinando a cabeça para o serviço exclusivo de cabide, vem de apresentar-se no seu recente congresso o que na realidade são — fantoches.

A natureza, infinitamente pródiga, concedeu ao homem a faculdade de dirigir os seus passos, orientar as suas acções pelo pensamento próprio. Mas os neo-marxistas desprezam o dom que a Natureza lhes conferiu para se submeterem às ordens, ao critério da Internacional de Moscóvia.

Abdicaram da sua independência, da sua qualidade moral de homens livres, para se apresentarem como autómatos, fantoches, membros dum corpo cuja cabeça vive e pensa no Oriente.

Semelhante atitude seria estúpida, infinitamente estúpida, se porventura não tivesse a ca-

racterizá-la uma grande dose de ridículo.

Os neo-marxistas, incontestavelmente verdadeiros fantoches, aqueles ultra-revolucionários que prêgaram exaltadamente a necessidade da «revolução imediata», deram no seu congresso a prova flagrante da derrocada definitiva, da desconjunção inevitável.

Eles quiseram — pretensão louca! — ofuscar o fulgor intenso das belas concepções anarquistas, negar o valor inconcusso da filosofia libertária — mas simplesmente conseguiram assemelhar-se a pigmeus insignificantes, que clamassem como possessos, de sobre os tablados, que o sol não dá luz.

...E a Anarquia, perene de grandeza moral, formosa concepção de regeneração humana, prossegue dilatando o seu raio de acção, iluminando as almas sedentas de liberdade e de vida, afirmando-se como um ideal nobre e justo, como uma verdade vitoriosa.

CASTRO SIMÕES.

Apointamentos...

UM jornal provinciano, saiu-se, numa das últimas semanas, com um estrambótico elogio de D. Eduardo Dato, da sua obra política e financeira, da sua acção como pacificador de toda a Espanha e do seu procedimento para com as «facções dos maus espanhóis que queriam derrubar o trono». Depois, como qualquer beata mãe, carpia lágrimas *sentidas* sobre «a campanha do maior, mais ilustre e mais tolerante político dos tempos modernos!» E como sobre-mesa dum almôço tam mal servido, esvurmava o seu ódio e o seu rancor contra Nicoláu e Mateu que, «embora se tivesse provado, no de-

correr do seu julgamento, a sua inocência no atentado que vitimou esse incomparável homem público», deviam «ser já executados, porque abundam nas mesmas ideias do assassino de Dato!»

Como o articulista ignora a história política dos últimos anos do seu ídolo, vamos recorrer às nossas «notas» para o elucidar melhor dos seus estudos *louvaminheiros*. Apure lá o ouvido e oiça:

«Chefe dum gabinete conservador, instrumento dos grandes capitalistas, D. Eduardo Dato assim que tomou conta do poder não teve outra preocupação senão a de esmagar as organizações operárias. Neste intuito preparou metódicamente um verdadeiro ambiente de terror. Foi sob o seu reinado que assistimos ao assassinato premeditado dos militantes operários, assassinato cometido pela polícia ou pelos seus auxiliares — os «bufos» dos sindicatos livres.»

«As organizações operárias tinham-se desenvolvido por toda-a-parte, adquirindo uma força poderosa. E a burguesia, muito especialmente aquela que enriqueceu durante a guerra, via, com inquietação, o movimento do proletariado. Apelou, então, para Dato, que aceitou o mandato de esfacelar, esmagar, esse movimento. Como ele procedeu toda-a-gente o sabe: a história do ministro Dato foi escrita com o sangue operário! Porque esse político não se limitou somente à repressão habitual — prisões em massa, processos, julgamentos, condenações. Foi mais longe: descobriu formas novas, duma brutalidade requintada.»

«Os sindicatos livres, organizados pela polícia, tinham a missão de dar caça aos militantes operários, assassinando aqueles que fossem considerados como mais perigosos. E a polícia colabo-

«rava com êles da maneira seguinte: a altas horas da «noite punha-os em liberdade; e, fora da prisão, os «bufos» dos sindicatos livres «matavam-nos a tiros de pistola!»

«Mas a missão destes «bufos, «não se limitava só a êste «procedimento. Ia mais longe: assassinava os militantes operários onde quer que «os encontrasse: na rua, no «café, na praça e nas «prior oficinas. Só em Barcelona caíram mais de duzentos militantes, entre êles «Salvador Seguí e Evélio «Baal. O próprio defensor «dos organismos operários, «o advogado Layret, também «foi vítima desses bandos «furiosos.

«O carrasco, porém, não se satisfazia só com estas execuções sumárias. Imaginou «torturas novas, como a deportação dos operários para «locais escolhidos por êle, «sendo a viagem feita a pé, «sob a vigilância da polícia, e nas condições mais horrosas. Muitos destes deportados não puderam atingir «o termo da viagem: adoeceram, esgotados, mortos de «fome e de cansaço.

«A esta repressão feroz, Dato «agregou a tortura organizadã. Para arrancar confissões «renovou a época das práticas inquisitoriais do castelo «de Montjuich, cuja descrição «provoça indignação e «revolta.

«Tal era a sorte reservada aos «militantes sindicalistas e «anarquistas sob o reinado «de Dato, que na sua demetada fobia à organização «operária, chegou a considerar como um crime o pagamento de cotizações sindicais!

«Dum procedimento assim, «que esperava êle? Que «os operários o abraçassem? «que se curvassem reverentes à sua passagem? Não «podia ser. E, assim, o assassino de tanta gente, o «monstro de tanta tirania, o «verdugo de tantos homens «pagou com a vida, a 4 de «Março de 1921, todos os «seus crimes. Não nos regojamos com isso; mas também não vertemos uma lágrima sequer. Porque êle «fê-las e pagou-as, como diz «o povo nas suas sentenças.»

«O homem que matou Dato, o operário Romão Casanelas, encontra-se actualmente na Rússia. Exigir que dois indivíduos, que nada tiveram com o caso, sejam executados como cúmplices dessa

morte, é o quanto há de mais cruel e desumano.

Só não é dêste parecer quem tiver no cérebro uma ideia odienta, jesuítica e reaccionária. E está neste caso o articulista provinciano, que, naturalmente, por um inexplicável capricho da natureza, ainda anda com as mãos no ar...

PEDRO GUIMARÃES.

JOAQUIM LOPES DE CARVALHO

Cristiano de Carvalho, o artista consagrado, o velho militante das lutas aceradas em prol da regeneração humana, a sentinela vigilante, sempre disposta a defender, na tribuna e na imprensa, a pureza dos princípios anarquistas que vem propagandeando há mais de cinco lustros, acaba de sofrer uma dor profunda. Seu velho pai, que êle estremecia, que êle amava com o carinho dum verdadeiro apóstolo, faleceu na última segunda-feira.

Para uma criatura que pensa, que sente, que tem gravado no seu íntimo aquele affecto pelas criaturas a quem deve os dias, a perda dum pai constitui uma onda de sofrimento impossível de descrever.

Cristiano de Carvalho, o nosso bom amigo de tantos anos, o camarada leal e sincero que temos encontrado sempre ao nosso lado, mesmo naqueles lances mais difíceis, vimo-lo, perante o cadáver do pai, abatido, lacrimoso. E naquele abatimento, e naquelas lágrimas, notámos todo o seu sofrimento, toda a sua dor, toda a sua emoção:—prova evidentiíssima de que entre êle e o autor dos seus dias havia como que uma comunhão espiritual que só tem equivalente na altíssima compreensão da vida no seu aspecto de Amor, de Beleza e de Bondade.

A Comuna acompanha, neste momento, o velho amigo e camarada na sua dor, apresentando-lhe, nestas colunas, a expressão sincera das suas condolências.

UMA
VISITA

PEDRO KRAPOTKINE

EM
1920

Quando cheguei à Rússia, em Janeiro de 1920, uma das criaturas que eu desejava ver, era Pedro Krapotkine.

Procurei descobrir imediatamente a maneira de o poder encontrar. Disseram-me que era preciso ir a Moscóvia, porque Krapotkine vivia em Dmitrof, pequena cidade situada a 60 verstas da velha capital. Hoje, não se pode viajar, como se quere, num país tam cruelmente atingido como a Rússia, país ferido pela guerra e pela revolução,—país onde o Estado deve exercer um controle absoluto sobre cada parcela de vida. Não havia nada a fazer senão esperar que se me deparasse a ocasião de chegar a Moscóvia. Esta boa sorte não tardou, felizmente, a apresentar-se. Bem depressa, em Março, algumas personalidades comunistas foram a Moscóvia, entre elles Radek e Gorki. Eu obtive a permissão de me utilizar do mesmo vagão. Uma vez chegada a Moscóvia, comecei por me informar sobre os meios de chegar a Dmitrof. Mas houve de novo uma demora. Subi que era quase impossível ir lá pelas vias ordinárias. O tifo devastava o país. As estações de caminho de ferro estavam peçadas de pessoas, paradas para ali dias e semanas. Havia continuamente disputas selvagens pelo menor lugar. Quinhentos desgraçados queriam-se meter num vagão que só continha cinquenta lugares. Esfaimados e esfarrapados, êles queriam, apesar de tudo, sentar-se no tecto ou na plataforma do vagão, esquecendo as consequências do frio e o perigo contínuo de serem atirados ao chão. Todos os dias alguns desgraçados ficavam mortalmente gelados, ou caíam do comboio em marcha.

Estava desesperada, porque tinha ouvido dizer que Krapotkine estava doente nesse inverno. Temia, que êle não pudesse viver até à primavera. Eu só queria pedir que me dessem um vagão especial; não podia encher-me de coragem suficiente para viajar nas condições ordinárias. Uma circunstância imprevista veiu em meu auxílio.

O editor do «Daily Herald» de Londres, acompanhado dum dos seus repórteres, tinham-me precedido em Moscóvia. Eles também desejavam ver Krapotkine, e deram-lhe um vagão especial. Em companhia de Alexandre Barkman e de A. Scha-

piro, eu juntei-me a M. Lansbury, e fiz a viagem numa relativa segurança. O percurso que tínhamos a fazer a pé, fizemo-lo por um belo tempo; a noite estava estrelada, a todo o país não era mais do que um vasto tapete de neve. Os nossos passos ressoavam no silêncio da vila adormecida.

A morada de Krapotkine erguia-se num jardim atraz da rua. O fraco raio duma lâmpada de petróleo iluminava unicamente a passagem, que conduzia a casa. Subi mais tarde que êste petróleo era raro em casa de Krapotkine, e que a luz tinha de ser economizada. Depois de Krapotkine ter terminado o seu trabalho diário, a lâmpada servia na sala de jantar, onde a família se reunia ao serão. Nós fomos affectuosamente recebidos por Sofia Krapotkine e Sasha Krapotkine, e em seguida conduzidos ao aposento onde se encontrava o Velho Grande Homem.

A última vez, que eu o tinha visto, tinha sido em 1907, em Paris, quando fui visitar esta cidade após o congresso anarquista de Amsterdão.

Krapotkine, que tinha sido expulso de França havia muitos anos, tinha obtido nessa ocasião permissão para lá voltar. Nesta época tinha êle 65 anos, mas estava tam cheio de vida, tam esperto, que parecia muito mais novo. Era uma fonte vivificante para todos os que, entre nós, se sentiam muito felizes por entrarem em pleno contacto com êle.

Duma maneira ou doutra, não se tinha nunca pensado, que Pedro Krapotkine pudesse envelhecer. Não acontecia o mesmo em Março de 1920. Fiquei impressionada com a mudança de aspecto. Estava terrivelmente emagrecido. Recbeu-nos com aquele acolhimento gracioso, que era tam característico nele.

Percebemos desde o principio que a nossa visita não seria satisfatória. Krapotkine não podia falar-nos livremente na presença de dois estrangeiros, dois jornalistas... Tratava-se de tirar o melhor partido da situação. Após uma conversação duma hora, pedimos à esposa de Krapotkine e a Sasha que entretivessem os dois hospedes ingleses, enquanto nós conversávamos em russo com êle.

Além das nossas preocupações pela sua saúde, eu desejava obter dele alguns esclare-

Os "Núcleos Sindicalistas... Revolucionários,"

«La Vie Ouvrière», fogoso órgão bolchevista parisiense e, simultaneamente, fôlha oficial da Internacional Sindical Vermelha, rejubilou-se, com excessiva alegria, pela criação, em Portugal, de núcleos sindicalistas revolucionários, quer dizer: de núcleos comunistas, que se dispõem, às ordens de Moscovia, actuar dentro da organização operária...

E ao mesmo tempo que anuncia esta terrível nova aos seus ludibriados leitores, aproveita o ensejo, porque lhe está nos hábitos, de dar uma facada nos anarquistas portugueses — mas cuja lâmina resvala na couraça forte da sua autoridade moral e anti-camaleónica...

Entre nós, que conhecemos bem a farsa desses nucleositos de tresmalhados... idealistas, que são o refúgio e a justificação da sua apostasia doutrinária, não mereceu o facto a menor importância, porque os intrigistas que constituem os núcleos referidos, são os mesmos confusionalistas filiados, aberta ou encobertamente, de facto ou de direito, no comunismo autoritário militante, os mesmos que se enraivecaram por não conseguirem, a despeito de todos os trucs, fazer prevalecer os seus pontos de vista moscovita no congresso, primeiro, e no referendium nacional, depois.

Mas para «La Vie Ouvrière», este avatar... bolchevista, em cujo verdadeiro programa traz o refinamento dum propositado *pêl-mêlê* a jogralar com aquele dito de que todos os meios são bons para alcançar os fins, — a constituição daquelas patrulhas... lenínicas tem fôros de verdadeiro acontecimento mundial... E na ância de ainda o tornar maior, porque é conveniente não esquecer a especulação política... do caso, «La Vie Ouvrière» empresta tôda a sua boa vontade aos dois núcleos de Lisboa e Pôrto, aumentando-lhes, por sua conta e risco, aos seus efectivos... para muitas centenas...

Já é desejar muitíssimo, ter fôrça de vontade...

Ora, francamente, penalizanos que o volume que «Vie Ouvrière» enxerga lá de Paris não seja uma realidade palpável, porque jamais tivemos inveja do número, porque este, por muito grande que fôsse, nunca nos faria dar aquelas cambalhotas que alguns tartufos, que ontem nos enganaram

e julgamos ser nossos puritanos e camaradas de ideias, deram na evolução... dos seus acerados princípios...

¡Oh! se «La Vie Ouvrière» soubesse a pobreza franciscana dos grandiosos núcleos... Aqui no Pôrto, por exemplo, se fôssemos a contar os seus componentes pelos dedos, não chegávamos a duas dúzias... E já não falamos, sequer, na sua qualidade...

No delírio do seu contentamento — ¡coitada, como anda enganada! — «La Vie Ouvrière» faz-se eco daquela patranha... bolchevista que quiz ridicularizar o referendium, afirmando que pela maioria dos sindicatos da C. G. T., a adesão a Berlim foi dada sem a consulta dos sindicatos em assembleia geral, mas pelo contrário, muito «ditatorialmente» pelos dirigentes das organizações...

Depois de haver pedido desculpa desta tradução tão literal, poderíamos formalmente desmentir, ou vá lá, para não perdermos a compostura da educação e da serenidade: informar, esclarecer, que as coisas se não passaram bem assim; que houve alguns, é verdade, e não a maioria dos sindicatos que responderam ao referendium pela voz das suas direcções, mas depois da atitude, do voto a Berlim e dos relatórios dos trabalhos do último congresso apresentados pelos seus delegados, terem sido aprovados pelas assembleias gerais, o que equivalia, *ipso facto*, à absoluta concordância desses organismos sindicais com a Internacional esquelética de Berlim, como «La Vie Ouvrière», em graça da *gavroche*, lhe chama...

Já vê que as coisas em Portugal se passaram bem diferentemente e que se tal manha caciqueira se usou, então foi de lado de lá, em imitação do que se quiz fazer na Covilhã... com as mulas de refôrço...

Segundo as boas informações de «La Vie Ouvrière», a adesão, a Berlim, da C. G. T. foi dada entre a oposição de numerosos sindicatos partidários da I. S. V. A coisa compreende-se: 1 mais 1 forma o plural de 2, os quais, multiplicados por 4, perfaz a quantidade de 8... Foi este o numeroso número de sindicatos que se opôs às deliberações de cento e tantos...

E já damos qualquer coisa a mais para depreições de cálculos matemáticos...

Quanto ao direito que os tais núcleos teem de opôr a sua tendência moscovita e de progagar o seu «sindicalismo revolucionário» segundo as instruções, as ordens, o *mot d'ordre* da I. S. V., isto é: o sindicalismo de casa e pucarinho com um pucarinho político subordinado às determinações do Kremlin — estamos perfeitamente de acôrdo. Nós estamos no nosso, e sempre desejamos cartas na mêsã, jogo franco, nada de eufemismos bombásticos e illusórios. O que não se quer é que venha o diapasão, já muito sumido, de que os núcleos sindicalistas revolucionários, como alguns dos seus membros já teem dito, também se propõem efectuar a frente única do proletariado, quando, afinal, essa frente única já existia, já existe, com o actual e autonomista sindicalismo em vigor — permitam a frase — visto que nos seus quadros se admitem todos os trabalhadores sem distinção de credos políticos, religiosos ou filosóficos...

Não, tudo isso é uma trêta: o que se pretende, declarada ou sofismáticamente, é fazer política partidária, é ofertar, amarrando-a de pés e mãos, a organização portuguesa aos caprichos da I. S. V., filha obediente da I. C., do moscovitismo político e ditatorial.

Contra essa pretensão batalharão sempre os tais anarcosindicalistas, pouco se preocupando que os anarco-bolchevistas, amigos de ontem, empreguem todos os seus esforços para uma maior tecedura de confusionalismo e intriga, porque partido, comunas e núcleos vem tudo a dar na mesma.

E nós temos uma fé bastante arreigada de que as características libertárias da organização portuguesa jamais se perderão; de que o operariado português, mantendo-se fiel ao seu espírito de autonomia, jamais se deixará arrastar para a grilheta de qualquer partido... por mais avançado que êle se diga...

E de resto, pode «La Vie Ouvrière» continuar a bater palmas. A manifestação é livre... Nós continuaremos com a civil Internacional esquelética; e os núcleos, e «La Vie Ouvrière», estão no seu pleníssimo direito de continuar em sentido na frente das fardadas e rotundiventes Internacionais Comunista e Vermelha...

“A Canalha” Preço 1\$00

À VENDA NESTA REDACÇÃO

DO QUE SE SABE

UM SACRÍLEGO

Não há ainda muitos dias saiu duma das prisões da Inglaterra, a de Parkhurst, na Isle of Wight, um homem que, na cadeia, tem passado quase tôda a sua vida.

Chama-se David Davies, alcunhado de Dartmoor Shepherd (o pastor de Dartmoor), tem 37 anos de idade e tem passado 50 anos na prisão.

Com um leve encolher de ombros, decerto, alguns lêem estas notícias; outros, porém não de reflectir no porquê do desprendimento com que um homem tem encarado tôda a sua vida as grades da prisão que o tem afastado do convívio dos vivos.

Este pastor, que chamava por um nome o gado que guardava, foi tôda a vida um sacrilego impenitente e indomável. Lloyd George citou, antes da guerra, o caso dêste homem no parlamento inglêa e os sisudos ornamentos mandaram soltá-lo, não sabemos pela quantíssima vez.

Mas o homem não agradeceu a benevolência parlamentar nem se conformou com o acatamento das mentiras que os cerbéros defensores da moral existente desejam que êle acate. Irreverente até à medula, o homem foi logo prêsso, outra vez solto, outra vez prêsso e agora vem de cumprir mais três anos de prisão pelo seu sacrilégio que os liberalistas ingleses não gramam.

Ora êste homem, que para mim é um Homem, pelo seu carácter de nem torcer nem quebrar, faz mais uma vez salientar a liberdade que na Inglaterra, como noutra qualquer país disfrutam os que não se acomodam à moral reinante. Lá, é uma monarquia liberal; na Espanha, uma monarquia com ditadura; na Itália, idem; na Rússia, o que já aqui temos dito; em Portugal, o que de perto todos conhecemos. E conclui-se: o mal não é dos homens que se mantem dos regimes: o mal está em que os homens mantem e deixam perdurar os regimes que os sufocam e os oprimem, sem distinção do rótulo com que encobrem os seus actos.

M. H.

Em favor de "A Comuna,"

Pela sua orientação nitidamente anarquista e revolucionária, A COMUNA conta amigos por toda a parte. E esses amigos são tam dedicados por ela, como nós, os que a fundamos, os que lhe dedicamos, sem a mínima remuneração, tôdas as nossas fôrças e tôdas as nossas energias.

Na América, especialmente, A COMUNA tem verdadeiros amigos. E a prova evidente do que afirmamos, é que, nas reuniões dos vários grupos anarquistas de ali, a situação financeira, quase afitiva do jornal, é sempre apreciada por aqueles camaradas, mas apreciada dum modo que nos sensibiliza em extremo. E dessas reuniões sai sempre um trabalho prático, um remédio salvador.

Assim, reunindo-se ultimamente alguns camaradas de New Bedford Mass, resolveram que os nossos camaradas António Ferreira, Eduardo Guerra, Armando J. Coelho e José A. Sena, abrissem uma subscrição para extinguir o deficit que constituia um grave perigo para a vida do jornal. Essa subscrição foi coroada do melhor êxito, rendendo a importante quantia de 46,55 dólares.

Agradecendo-lhes, bem como a todos os subscritores, a dádiva que tanta alegria nos veio causar, é, com orgulho, que publicamos todos os nomes deles e as quantias com que subscreveram. E' que os gestos desta natureza devem ser postos sempre em foco, para que vejam que os anarquistas, estejam onde estiverem, constituem uma só familia, disposta a auxiliar todos os em preendimentos e tôdas as iniciativas de propaganda e desenvolvimento das nossas ideas.

Segue a lista dos subscritores:

Manuel Querpos	1.00	<i>Transporte</i>	14.75
Armando J. Coelho	5.00	Sérvolo P. Pereira	55
Agostinho Marques	1.00	Manuel Nunes	1.00
Um rebelde	50	F. R. M.	50
Manuel dos Santos	25	Um rebelde	50
Henrique Enos	25	Manuel Arruda	25
Joaquim da Silva	2.00	José Aguiar	25
José Roque	50	Angelo Dias	1.00
António Lopes	50	Manuel Martins	1.00
Germano Gonzalez	1.00	Manuel Padeiro	5.00
José Dias	25	António Ferreira	5.00
Manuel Raposo	25	Eduardo Guerra	5.00
Manuel Andrade	25	José A. Sena	5.00
José Aguiar	25	Francisco Alves	1.00
João B. Guilherme	25	Luís Barros	1.00
António Moniz	25	Germano Tavares	2.00
José Silva	25	Marcelino Q. Ponte	1.00
Mateus N. Ferreira	25	Frank R. Figueira	1.00
Cláudio dos Santos	25	António da S. Almeida	50
João M. Ferreira	50	João Neves	25
<i>A transportar</i>	14.75	<i>Total—Dólares</i>	46.55

Vida Anarquista

Comité de Propaganda e Organização Anarquista do Norte.

REUNIÃO

Por iniciativa dêste Comité, realiza-se, no próximo dia 21, uma conferência dos anarquistas

do Norte, para se assentar numa acção homogénea e revolucionária.

Nesta conferência só terão ingresso os portadores de convites passados por êste Comité.

Os camaradas que, por lapso, não tenham recebido convite para esta conferência, podem requisitá-los na redacção de *A Comuna*.

O Comité de Propaganda e Organização Anarquista do Norte, lembra a todos os grupos e camaradas o dever de continuarem a prestar tôda a sua solidariedade, mas dum modo permanente, às familias das vítimas da explosão da rua das Antas.

Esperando, portanto, o máximo auxílio, continuaremos a publicar as importâncias que formos recebendo.

Boston — América

ANTÓNIO MARTINS

Para questão do seu interesse precisa-se de se saber a morada dêste camarada, antigo membro da *Labor Defense Conference*, com sede em Boston Mass, 724, Washington st, U. S. A., ou na falta dêste, com seu irmão Augusto Martins.

ASSUNTOS

SINDICALISTAS

Quando li a local do *Núcleo Sindicalista revolucionário*, escrevi, acto contínuo, o meu artigo para a «Comuna» afim de exteriorizar a minha discordância e, ao mesmo tempo, desmascarar aqueles que, fingidamente, dizem defender a unidade sindical.

Máu grado meu, quem veio à estacada, respondendo ao meu artigo, foi o meu colega José Silva, que, alongando-se em várias considerações, se esforçou por me convencer de que o núcleo, tem por missão especial a propaganda da «Frente Única» dos trabalhadores, sem querer, todavia, com isso, fazer abdicar ninguém dos seus princípios ideológicos.

Para mim, começa aqui a confusão. ¿Então os *nuclistas* desejam a *frente única* de todos os que sofrem as tiranias da sociedade presente e organizam em separado, dizendo que, da sua organização, sairá o influxo para a organização sindical?

Ora digam: ¿não será tudo isto uma grande confusão? uma mistificação o título do núcleo? Então, pela razão de *nuclistas* terem pontos-de-vista diferentes sobre a questão internacional, ¿é isso motivo para procurar dividir os poucos militantes que sinceramente trabalham em prol da emancipação dos trabalhadores, e estabelecer, no meio das massas sedentas de justiça, a desconfiança nos seus orientadores? Tenham paciência: — isso não é caminhar apressadamente como desejam, mas sim criar o desalento para... então tomarem posse de que dizem ser mal orientado e sem influxo revolucionário.

Estou a ver que, segundo a opinião dos do núcleo, os actuais sindicalistas são conservadores! Será conservantismo educar as massas conscientemente, imprimindo-lhes um carácter acentuadamente revolucionário, alheio a todas as tricas políti-

cas, e criando-lhes uma vontade própria? ¿Ou será revolucionarismo impôr-lhes uma coleira política, muito embora com vernizes proletários?

Sim... Sim... tudo serve... O que se quer é Moscóvia...

Numa passagem do seu artigo, J. Silva diz que «o núcleo deseja encaminhar de facto a organização pelo verdadeiro caminho do sindicalismo revolucionário que os actuais detentores da organização tam mal teem interpretado». Lê-se esta poeira... e pasma-se! ¿Alguma vez lhe interceptaram a entrada no seu sindicato, ou fizeram *montaria* às suas opiniões? ¿O colega não estará na posse de cargos de destaque na organização? ¿não terá sido encarregado de missões à província? ¿não será o colega um dos detentores da organização? E' preciso que isto se diga para que, quem nos ler, ajuizar e fazer justiça, afim de não passar por «atoardas» as nossas sinceras apreciações.

¿Sabe o que é preciso, mas sem nos preocuparmos com a «frente única»? E' intensificar a nossa propaganda, fortalecer os nossos organismos e criar novos militantes sem nos importamos com as suas opiniões.

O que se quer é sinceridade e honestidade—obtendo a confiança do povo, já que os políticos desmoralizaram tudo.

E verá depois como isto caminha.

Tudo o que se faça em contrário, é gastar energias sem proveito para os trabalhadores, lucrando, apenas, a burguesia com tais divisões; e quer queira, quer não, a obra dos *nuclistas* é divisionismo, puro ou sofismado.

E disse... por enquanto.

JÚLIO DE CAMPOS.

CORREIO DE "A COMUNA"

LISBOA — *Correia Barreira*. Recebemos 10\$00.

AMERICA — *José Martins* — Recebemos carta e cheque de 16 dólares.

TERRUGEM — *J. Miguel Mauricio* — Idem, carta e 7\$50.

NA NORUEGA

A revolta dos comunistas contra Moscóvia

O partido comunista norueguês acaba de realizar o seu congresso extraordinário, no qual se ocupou das três questões principais em que estava em desacôrdo com as ordens e com as prescrições da Internacional Comunista, e que eram as seguintes: o *mot d'ordre* (o santo e senha) dum governo operário e camponês, a questão religiosa e a adesão dos Sindicatos noruegueses (que abandonaram ultimamente a Internacional de Amsterdão) à I. S. R. de Moscóvia.

Nas vésperas do Congresso, o Executivo de Moscóvia lá enviou, como de costume, a respectiva encíclica ordinária, pedindo a submissão do Partido Comunista norueguês às decisões da Santa-Sé lenínica; mas, à ultima hora, e como reforço, mandou um ultimato categórico!

Tranmael, chefe do P. C. norueguês, revoltado com o procedimento moscovita, afirmou, perante o congresso, que «um pedido, encerrando tanta imoralidade, nunca poderia ser apresentado aos representantes dum partido operário.»

E, de harmonia com estas palavras, a resposta do Congresso foi precisa e clara:

167 votos contra a ditadura de Moscóvia.

104 votos a favor da submissão à I. C.

Após o resultado do escrutínio, o representante do Executivo de Moscóvia declarou excluída da I. C. a maioria do P. C. norueguês. Como não podia deixar de ser, esta declaração foi recebida no meio da gargalhada.

Excluída a maioria, a minoria comunista espera — com o auxílio da policia e da justiça burguesas — apoderar-se dos jornais, das Casas do Povo e de tudo quanto constituia propriedade do P. C. norueguês.

Daqui a semanas vái realizar-se o Congresso da Central Sindicalista da Noruega, que se ocupará especialmente da questão internacional. Nesta magna reunião do proletariado será posta a adesão a Berlim ou a Moscóvia... ou a neutralidade.

Por certo que os partidários de Moscóvia, tendo ficado em

minoría, hão-de propor a neutralidade... como na Holanda.

E são estes os lindos exemplos que Moscóvia nos apresenta todos os dias.

Nota da Redacção—A organização sindicalista da Noruega — a N. S. F. — é já aderente à A. I. T. de Berlim. Aquil trata-se da *Central sindicalista*, no seio da qual se encontram muitos sindicalistas revolucionários, mas que, até à data ainda não aderiram à N. S. F.

Grupo Anarquista

CLARIDADE

Revista «Claridade»

Brevemente, tanto quanto permita o afam com que estão sendo ultimados os trabalhos da sua preparação, aparecerá esta revista cujo interêse a despertar deverá ser grande.

A sua necessidade de há muito que se vem fazendo sentir.

A revista *Claridade*, versará todos os múltiplos aspectos desta áncia humana de Progresso, de Perfeição que invade os homens de hoje. Será científica, sem pretender ascender ao infalível e mui grave conceito universitário dos decadentes, mas na concepção bela e natural da Vida que a sciência deve ter; literária, abrangendo nas suas colunas as boas produções de autores de todo o mundo que tenham um objectivo moral a defender, um mal social a que dar combate; e, já no plano sociológico, dentro da característica anarquista, propagará os melhores principios que a humanidade deverá seguir, combatendo os vícios e os crimes da presente sociedade.

A revista sairá com 32 páginas, de aspecto gráfico agradável e original. O Grupo *Claridade* espera que, paralelamente aos trabalhos que anda a realizar para a saída da revista, não se esquecerão os que com a sua saída concordam, quer grupos, quer individuos, de lhe enviar o auxilio em dinheiro solicitado, e sem o qual a vida de *Claridade* não poderá ser mantida por muito tempo.

PRÓ-MINFIROS

de S. Pedro da Cova

Transporte. . . 348\$90
Vidago:
J. A. Ferreira . . . 5\$00
A transportar. . . 353\$90

Publicações

Último quadro

Drama em três actos e um quadro. Original do escritor brasileiro Felipe Gil.

O drama de carácter eminentemente social não abunda na nossa língua. Os escritores dramáticos portugueses, que podiam fazer tantas coisas boas neste género, preferem mais dedicar-se a assuntos ligeiros de romantismo e de novela, do que penetrar nos arcanos da questão social. E' por isso que, quando nos surge um drama como os *Minetros*, de Joaquim Dicenta, ou como a *Casa de Boneca*, de Henri Ibsen, nós enchemo-nos de orgulho por vermos tratado, no palco, um aspecto da questão que mais interessa ao futuro da humanidade, de toda a humanidade, bem entendido.

O drama de Felipe Gil, conquanto não seja uma obra impecável, é, contudo, um trabalho de muito valor. Tem principio, meio e fim. E' um drama simples, despidido daquelas «tiradas» massudas, em que a religião e outras mentiras do mesmo quilate nos são impingidas com entonações de voz que nos irritam.

Não. Felipe Gil não pertence a esse número. Diz aquilo que sente, aquilo que concebeu, numa linguagem acessível a todos os cérebros, e compreensível por todas as inteligências.

Mas descrevamos, embora a largos traços, todo o entrecho do drama.

José de Camargo, pintor revolucionário e artista de génio, vê-se em sérios embaraços porque as suas telas, que são verdadeiras criações artísticas, não são apreciadas pela «gente de dinheiro.» Para viver, é obrigado a reproduzir quadros para o que não sente nenhuma vocação. No entanto luta desesperadamente.

Cláudio, seu filho, que é guarda-livros, apaixonou-se por uma operária da fábrica do Conde de Saragoça, rapariga que o Conde também deseja possuir. Mas, como não quer descer a «namorada», encarrega um amigo de lh'a atrair, por meio de promessas ou duma emboscada. Esse amigo, homem sem escrúpulos e vivendo de expedientes, faz tudo quanto lhe é possível, mas esbarra perante o carácter da rapariga, que também se apaixonou por Cláudio. Neste momento, concebe um plano sinistro: lança fogo à fábrica e acusa do crime o pai de Cláudio,

que é encerrado numa enxovia. Dêste modo o alcaide pretende ferir o próprio Cláudio, o que não consegue.

Dêcorrem os meses e êle sente-se também «apaixonado.» E, por isso, principia a intrigá-la. Um irmão de Cláudio criança ainda, assiste a uma dessas scenas, a mais fulminante, e consegue tirar o revólver ao sedutor-alcaide. Este revólver que serve, depois, para justificar a inocência de Eugénia, é entregue por Cláudio, a Leite Quintela—o alcaide—como um presente de anos. Vendo-se descoberto, pretende assassinar o noivo; mas, pouco pratico no manejo das armas, fere-se e cai no sólo banhado em sangue. Transportado ao hospital, confessa, antes de morrer, todo o trama que tinha urdido.

Eugénia dirige-se, então, ao dono da fábrica, para lhe pedir que não persiga mais aquela familia, tam açoitada pela desdita.

O Conde, que antes tivera um sonho inspirado na leitura duns versos, confessa-lhe, a muito custo, que era o único culpado de tudo quanto tinha acontecido. Mas... Mas, louco de desespero, oferece tudo à rapariga: ouro, joias, o seu dinheiro e o seu amor. E, vendo que ela repudia, com nojo, tudo aquilo, atira-se a ela, no intuito de a possuir pela violência. Cláudio, que a esperava, entra na sala, ao ouvir o barulho, e impede que se cometa a infâmia.

O Conde pensa, medita e vai à prisão buscar José de Camargo, levando-o para casa, depois de dois anos de longo captivoiro. Uma vez ali dá-se a conhecer e diz-lhe que não se aflija: de futuro pintará só para êle; e retira-se. José de Camargo, ferido na sua alma de artista, evoca o seu passado glorioso, tem uma síncope e morre. E quando o Conde traz uns retratos para êle reproduzir, vê, então, o último quadro da sua obra: de José Camargo no ataúde; a esposa à cabeceira; Juquilha, chorando convulsivamente; Eugénia, triste e desolada aos pés do morto. E Cláudio aponta-lhe o seu crime, o crime que conduziu àquele quadro sinistro... O Conde perturba-se...

Tal é o drama de Felipe Gil, cuja leitura nos foi muito agradável.

Os nossos agradecimentos pelo exemplar oferecido.

Artistas e Rebeldes

Artista e Rebeldes—Ensaíos literários e sociais por Adolfo Roeker, vertidos ao espanhol

Secção de Livraria de "A COMUNA,"

(BIBLIOTÉCA DE «A COMUNA»)

PREÇARIO DE LIVROS E FOLHETOS A VENDA

Acções de «A Batalha» . . .	1\$00	J. GUESDE—A Lei dos Salários	\$30
A. GUERRA—O Proletariado Histórico	\$75	JOÃO MOST—Peste Religiosa	\$40
A. Las Consciências Honoradas	\$20	KRAPOTKINE—A' Mocidade	\$30
B. LAZARE—A Liberdade	\$50	Idem—Bastidores das Guerras	\$20
B. LUX—O Sindicalismo e os Intelectuais	\$50	Idem—A Moral Anarquista	\$40
CHUECA—Como não ser Anarquista?	\$30	LANDAUER—A Social D. na Alemanha	\$30
CONTENT—Contra o confusionalismo	\$20	MELLA—O Principio do Fim	\$20
DELLAISI—Os Financeiros, os Politicos e a Guerra	\$30	NANSEN—Fome na Rússia	\$30
E. CHAPELLIER—Porque não creio em Deus	1\$00	N. VASCO—Concepção Anarquista do Sindicalismo	2\$00
E. POTTIER—A Internacional	\$20	Idem—Georgicas	\$30
E. SILVA—Teatro Livre e a Arte Social	\$20	RECLUS—A Evolução Legal e a Anarquia	\$30
ETIEVANT—A Minha Defeza	\$40	VARIOS AUTORES:	
ETTOR—Unionismo Industrial	\$30	A Canalha	1\$00
FAURE—Doze Provas da Inexistência de Deus	\$50	A Internacional	\$10
HAMON—A Crise do Socialismo	\$50	A Maçonaria e o Proletariado (trad.)	\$30
J. C. SOUSA—A Propriedade Privada	\$30	A Novela Vermelha	\$25
		Mujer, esclava ó companhera?	\$10
		Organização Social Sindicalista	3\$00

PELO CORREIO:—Para o Continente, Espanha e Ilhas, mais \$10. Para a Africa e Estrangeiro, mais \$40.—Não se atendem pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância.

Pedidos: "A COMUNA"

Apartado, 17—Porto

"A BATALHA"

C. do Combro, 38-A-2.º—Lisboa

por Salomão Resnick — constituem um livro magnifico nas páginas do qual o seu autor fotografa, com mão de mestre, as suas mais vivas impressões sobre um escolhido numero dos maiores cultores da Beleza, e dos mais apaixonados amantes da Liberdade que viveram nas últimas gerações. Claros, limpidos, intensos, êstes ensaios desenvolvem o panorama que, do mundo e da vida, formou um dos mais conhecidos agitadores contemporâneos do anarquismo. Assim, todas as páginas dêste livro magnifico estão saturadas duma ampla compreensão dos homens e dum sincero amor à Humanidade.

Para vermos todo o valor dêste livro, basta descrever o sumário dêle:

Augusto Strindberg. — Edgard A. Poë. — Oscar Wild. — Gustavo Adolfo Bequer. — Multatuli. — Tolstol, «profeta duma nova era». — Carlos Fourier. — Marx e o anarquismo. — Pedro José Proudhon. — Guilherme Marr e a Jovem Alemanha. — Vida de Bakunine. — Três artigos sobre a personalidade de Krapotkine (I—Krapotkine, o homem; II—Krapotkine e o proletariado judeu; III—Krapotkine, o pensador anarquista). — Firmino Salvochea. — Pedro Gori. — Luisa Michel. — Don Quichote. — Socialdemocracia e anarquismo.

Um volume de 312 páginas,

de tradução esmerada e aspecto gráfico muito bem cuidado, com uma biografia do autor e um desenho a craião de Rodolfo Roker, feito, especialmente pelo pintor B. Nemirovsky, \$1.80; edição especial, \$2.50.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importância e mais \$50 para porte e registo do correio, devem ser feitos à *Editorial Argonauta* — José M. Fernandez, Casila Correo 1980 — Buenos Aires. República Argentina.

Revista Blanca

Recebemos o n.º 12 desta importante revista de novas orientações sociais que se publica quinzenalmente em Sardañola (Barcelona) San Martín, 3. O seu sumário é como segue:

Os problemas da post-revolução; Crise da vida; As três ditaduras alemãs; Formas primitivas da propriedade; Os direitos políticos e a questão económica; O pensamento e a acção do anarquismo argentino; A literatura francesa; As vides agitadas; Bokold; Curiosidades históricas e científicas; Os que morreram: Mirabeau e a revolução; O último Quichote; Advertências; Naturismo e Anarquismo; O Don Juan...; Comentários; Noticias breves; Notas administrativas.

Preço 2\$00. Pelo correio, 2\$30 Pedidos à *Batalha*, Lisboa.